



IDIS

DESENVOLVENDO O
INVESTIMENTO SOCIAL

PERSPECTIVAS
PARA A
FILANTROPIA
NO BRASIL
2025

INTRODUÇÃO

Em 2025, enfatizamos a esperança como verbo de ação. As mudanças que queremos ver no mundo são possíveis, e a ação filantrópica contribui para que aconteçam. Vamos esperar!

Chegamos a mais um ano encarando de frente a urgência dos desafios e a complexidade das soluções. A sociedade está fragmentada, e muitos se sentem distantes da possibilidade de contribuir para a mudança. Como superar essa barreira? Como resgatar a confiança no impacto coletivo positivo?

É justamente em momentos como esses que a filantropia se mostra ainda mais necessária, sendo um espaço de resistência, inovação e, acima de tudo, de esperança em ação. O investimento social privado (ISP) não é a única resposta, mas uma peça importante dentro dessa equação, pois impulsiona soluções estratégicas e sistêmicas, além de fortalecer outro importante ator dessa dinâmica: as organizações da sociedade civil (OSCs).

Na quarta edição do *Perspectivas para a Filantropia no Brasil*, as situações emergenciais aparecem como ponto de atenção pelo terceiro ano, logo no tópico que abre o relatório. 'A filantropia na cadeia da emergência', para além das reflexões acerca do cenário atual, apresenta iniciativas e soluções que vêm ganhando destaque e podem servir de inspiração e incentivo para novas ideias.

Além da emergência, retorna à pauta a Diversidade & Inclusão, neste ano, reforçando a filantropia como espaço de resistência em meio aos sinais de enfraquecimento do assunto mundo afora. Ainda dentro de temáti-

cas transversais, a saúde mental é apontada como mais uma das prioridades, a partir do entendimento de que quando o bem-estar da mente fica em xeque, isso também afeta o envolvimento da sociedade civil em causas.

Contrapondo o cenário de desconfiança à atuação das organizações da sociedade civil, apresentamos duas perspectivas focadas na atuação cada vez mais transparente e estruturada do terceiro setor. 'O desenvolvimento institucional como propulsor de impactos perenes' amplia o olhar sobre *capacity building* das organizações, tendo como um de seus pontos altos o fortalecimento das estruturas de governança, tópico que ganhou uma perspectiva própria. Fechando o material, trazemos o destaque para a atuação de ações ISP de pequenas e médias empresas, que precisa ganhar mais força e visibilidade.

As seis perspectivas aqui apresentadas são fruto de um processo coletivo que reúne os diversos saberes de nossa equipe e refletem nossos valores, ao fomentar o aprendizado e a colaboração em produções inspiradoras ao setor.

Boa leitura!

Paula Fabiani
CEO do IDIS

FICHA TÉCNICA

Iniciativa

IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social

Coordenação

Paula Jancso Fabiani
Lavínia de Oliveira Xavier
Luisa Gerbase de Lima
Marina Zanin Negrão

Produção do Conteúdo

Ale Almeida
Aline Herrera
Andrea Hanai
Carla Irrazabal
Felipe Insunza Groba
Gabriel Bianco
Henrique Barreto
Juliana Santos Oliveira
Lavínia de Oliveira Xavier
Leticia Cavalcante dos Santos
Luisa Gerbase de Lima
Marcelo Modesto
Marina Zanin Negrão
Rosana Ferraiuolo
Yasmim Lopes

Projeto gráfico e Diagramação

Tati Valiengo e Tiago Solha

1 | A FILANTROPIA NA CADEIA DE EMERGÊNCIA

Agilidade e efetividade são chave para enfrentar as consequências de eventos emergenciais. As ações devem ser coletivas e, mais importante, coordenadas.



2 | SAÚDE MENTAL: CUIDAR DE SI PARA CUIDAR DO OUTRO

O bem-estar da mente está em xeque e afeta também o envolvimento da sociedade civil em causas



3 | DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL IMPULSIONA IMPACTOS PERENES

A filantropia vai além do apoio a projetos, e contribuiu para que OSCs cumpram sua missão de forma eficaz e duradoura



4 | MATCH ESTRATÉGICO: OSCS INTEGRAM VOLUNTÁRIOS À GOVERNANÇA

A atuação voluntária expande suas fronteiras, com diferentes (e novas) contribuições para a estratégia organizacional



5 | FILANTROPIA COMO TRINCHEIRA DE RESISTÊNCIA PARA A DIVERSIDADE & INCLUSÃO

Em meio ao receio de estagnação da pauta no mundo corporativo, como a filantropia se posiciona



6 | INVESTIMENTO SOCIAL PRIVADO É PARA TODOS, INCLUSIVE PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS!

O ISP não é exclusivo das grandes corporações e é hora de dar mais visibilidade à atuação filantrópica de empresas de variados portes



PERSPECTIVA



A FILANTROPIA NA CADEIA DA EMERGÊNCIA



Agilidade e efetividade são chave para enfrentar as consequências de eventos emergenciais. As ações devem ser coletivas e, mais importante, coordenadas.

Enchentes no Rio Grande do Sul, incêndios no Pantanal e no Acre, seca em Manaus, deslizamentos e chuvas em São Paulo e na Bahia - esses são apenas alguns exemplos vivenciados ao longo de 2024. Eventos climáticos extremos deixaram de ser incidentes pontuais e se tornaram cada vez mais frequentes. Segundo o 'Guia para o Enfrentamento às Emergências Climáticas: estratégias de colaboração público e privada', publicado pela Comunitas, nunca antes o Brasil registrou tantos desastres naturais.

Respostas emergenciais são complexas, e o que temos presenciado é a ausência de planos de ação previamente estruturados para enfrentar tais situações. O resultado são impactos que não apenas expõem a falta de preparo de agentes públicos e privados, como agravam as desigualdades sociais nas áreas afetadas. Não por acaso, o tema será o destaque durante a COP30, que acontece em novembro, no Brasil. Entre as prioridades da agenda, estão o debate sobre impactos sociais e adaptações às mudanças climáticas, além da justiça climática.

É preciso agir de forma ágil e efetiva. Entre as soluções que ganham destaque, está a atuação colaborativa e coordenada entre diferentes atores, abrangendo o ciclo completo da emergência: desde o alívio imediato e reestruturação das comunidades impacta-

das, até o desenho de um plano de prevenção e resiliência para eventos futuros. Enquanto governos detêm o poder regulatório e os recursos do setor público, organizações da sociedade civil (OSCs) com atuação na ponta contribuem de uma perspectiva direta das comunidades, orientando sobre o direcionamento dos investimentos e garantindo que as soluções atendam de fato às necessidades da população. Destaca-se também o papel de Institutos e Fundações Comunitárias (FICs) com atuação territorial, pois já possuem legitimidade e experiência, conectando doadores a organizações locais e fortalecendo a atuação em rede, valorizando o protagonismo das próprias comunidades.

Empresas, grandes filantropos e organizações *grantmakers* são outro elo dessa corrente e é essencial que se reconheçam como tal. Neste sentido, identificar e preparar pessoas e departamentos responsáveis pela coordenação de esforços é vital. Para responder ao desafio da disponibilidade de recursos, em alguns casos, organizações optam por criar estruturas que garantam montantes para uso imediato, como fundos emergenciais. Outros agentes estão desenvolvendo políticas para captação de recursos, sejam elas internas, por meio da realocação de orçamentos existentes; ou externas, como a realização de campanhas de mobilização. É igualmente importante pensar

além dos recursos financeiros: há produtos ou serviços, como a estrutura logística, que podem ser oferecidos nessas situações? Há possibilidade de ativar redes de relacionamentos quando a emergência acontece? Por natureza, a filantropia tem uma atuação mais flexível que o poder público e é capaz de testar soluções em pequena escala antes de serem adotadas pelo Estado.

Além disso, agentes filantrópicos podem ter um papel ao mobilizar e direcionar a doação de pessoas físicas, seja de dinheiro, bens ou tempo, na forma de trabalho voluntário. Os acontecimentos do ano anterior revelaram que houve uma grande resposta da sociedade civil no momento das tragédias, mas que nem sempre foram adequadamente direcionadas. Passada a urgência, pouco foi destinado aos processos de recuperação e prevenção, outro ponto que pode ser trabalhado a partir do investimento no fortalecimento da cultura de doação.

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

FUNDO DE CATÁSTROFE DA ZURICH SEGUROS

Como parte de sua estratégia de investimento social, a Zurich Seguros mantém um Fundo de Catástrofe permanente, que tem sido acionado em diversas situações de emergência, como o apoio à população do Rio Grande do Sul em 2024, entre outros casos críticos ao longo dos anos. Criado em 2019, o fundo inicialmente tinha o objetivo de responder de forma rápida a emergências, mas logo se transformou em uma ferramenta sólida, não apenas para o auxílio imediato, mas também para o apoio contínuo à reconstrução de áreas afetadas por desastres naturais e crises sociais. Desde sua criação, o Fundo de Catástrofe da Zurich já beneficiou mais de 330 mil pessoas em diversas regiões do Brasil.

A FORÇA DA FILANTROPIA FAMILIAR: REGENERARS

O Fundo Emergencial RegeneraRS, criado pelo Instituto Helda Gerdau, de origem familiar, e com apoio de empresas como Gerdau e Vale, se apresenta como estrutura que une empresas, pessoas e poder público para criar soluções sistêmicas. Criado após as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024, visa contribuir para a mitigação dos impactos de even-

tos climáticos extremos no estado. Os projetos apoiados são da área de educação, habitação e apoio a pequenos negócios. Entre as inovações, está a adoção do modelo *blended finance*, que combina capital filantrópico e fundos de crédito para apoiar pequenos negócios.

FUNDOS COMUNITÁRIOS

A Fundação Gerações, que atua em Porto Alegre e região metropolitana, lançou em 2024 o Fundo Porto de Todos, inicialmente voltado ao fortalecimento de organizações do território. Com as enchentes na região, rapidamente criou uma linha emergencial que permite o direcionamento de recursos para demandas imediatas e projetos de recuperação da área afetada e prevenção de danos. Para definir seu modelo de resposta a emergências, contou com o apoio e experiência do Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (ICOM), atuante na região de Florianópolis, onde os danos causados por chuvas são frequentes e já tinham uma estrutura definida para captação e destinação dos recursos de forma ágil.

Por sua vez, a Associação Nossa Cidade, responsável pelo Fundo Brumadinho, desenvolve projetos regenerativos que consideram as particularidades locais, com o objetivo não apenas de reparar os danos causados pelas mudanças

climáticas, mas também de restaurar os ecossistemas e promover a resiliência das comunidades. A ação foi uma resposta ao rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, em Brumadinho, Minas Gerais.

As três organizações integram o Programa Transformando Territórios, que fomenta a criação e fortalecimento de Institutos e Fundações Comunitárias no Brasil.

EMERGÊNCIA TODO DIA

A campanha #EmergênciaTodoDia é uma iniciativa do Instituto MOL e existe para chamar a atenção para as necessidades das populações vítimas de emergências e catástrofes e conscientizar a sociedade sobre a importância da doação recorrente para o fortalecimento das organizações sociais que atuam diretamente nos locais atingidos. No site do projeto, há um guia sobre doações, histórias inspiradoras e indicação de organizações que atuam na linha de frente que vale a pena conferir.

DICA AOS INVESTIDORES SOCIAIS

Familiarize-se com o ecossistema e as iniciativas de apoio a emergências que já estão em andamento. Em empresas, fundações ou institutos, defina responsáveis e crie políticas para atuação em emergências. Tenha clareza sobre quais recursos poderão ser utilizados. Na hora de agir, priorize o diálogo e busque formas de colaboração para potencializar e otimizar os apoios.

PERSPECTIVA

2

SAÚDE MENTAL: CUIDAR DE SI PARA CUIDAR DO OUTRO



O bem-estar da mente está em xeque e afeta também o envolvimento da sociedade civil em causas.

“

Sabemos que sem saúde mental não há saúde.”

Maria Izabel Toro, Gerente Executiva de investimento social privado da Raia Drogasil

O Brasil ocupa a quarta pior posição no ranking mundial de saúde mental, segundo revela a edição mais recente do *The Mental State of the World*. Globalmente, quase um bilhão de pessoas vivem com algum transtorno mental.

A crise não é isolada e diversos aspectos contribuem para esse cenário. O aumento dos transtornos psíquicos tem raízes nas mudanças estruturais pelas quais o mundo tem passado e afeta todas as dimensões da sociedade. Ao lidar com o tema faz-se necessária uma análise holística que leve em conta os fatores conjunturais que impactam diretamente a saúde mental.

A exposição excessiva às telas, por exemplo, parece ter um papel. Em 2024, o Dicionário Oxford escolheu a expressão ‘*brain rot*’ (ou ‘podridão cerebral’, em tradução livre) como a palavra do ano, refletindo os impactos do uso desenfreado das redes sociais e do consumo de conteúdos rasos. Além disso, questões relacionadas ao mundo do trabalho agravam o problema. O Brasil ocupa o segundo lugar global em casos de *burnout*, de acordo com a *International Stress Management Association (ISMA)*, diante de um

contexto de precarização e desumanização de relações laborais, impulsionando debates sobre novas jornadas, modelos flexíveis e qualidade de vida no trabalho.

No âmbito das Organizações da Sociedade Civil (OSCs), a pesquisa ‘*Saúde Mental e Bem-Estar no Terceiro Setor*’, realizada pela Phomenta, revelou que **43% dos profissionais respondentes que avaliaram sua saúde mental e bem-estar como ‘ruins’ ou ‘regulares’ manifestaram insatisfação com o trabalho**, cenário agravado quando analisados grupos com marcadores de diversidade. Em contrapartida, 53% das OSCs participantes afirmaram que há uma preocupação da gestão com a saúde mental e o bem-estar dos colaboradores.

A capacidade de mobilização da sociedade civil e das organizações sociais está diretamente ligada ao bem-estar psíquico de seus membros. Uma população sobrecarregada, emocionalmente exausta e adoecida enfrenta dificuldades para se engajar, refletir criticamente e agir coletivamente, comprometendo processos de transformação social. Quando indivíduos se distanciam das questões coletivas devido à exaustão e

desmotivação, o potencial de resolução de problemas de forma organizada também se enfraquece.

É essencial investir na promoção da saúde mental e no fortalecimento de ambientes profissionais saudáveis entre as diversas formas de trabalho, inclusive dentro das OSCs. Criar espaços de acolhimento e cuidado permite que mais pessoas participem de forma plena, empática e produtiva na construção de soluções coletivas. Sem esse olhar atento, qualquer tentativa de mudança social se fragiliza, pois dependerá de uma base que, por sua própria condição, não consegue se estruturar e atuar com consistência.

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

INSTITUTO DESACELERA

Atua como ‘desaceleradora’ de pessoas e organizações. Seu trabalho se baseia na formação e reflexão, mobilização e ativação de redes, além da produção e curadoria de conteúdos relacionados ao bem-estar, à saúde mental e ao universo do movimento *slow*, que propõe uma mudança cultural, incentivando a desaceleração da vida cotidiana.

VERTENTES

Grupo plural de instituições que se uniram para nutrir e transformar uma cultura de cuidado em saúde mental no país. Em 2024, o Vertentes recebeu um aporte de R\$ 750 mil da RD Saúde. Cada vez mais, o tema ganha destaque na estratégia de investimento social privado da empresa, que considera este um pilar fundamental da saúde integral dos brasileiros.

PAINEL DE INDICADORES EM SAÚDE MENTAL

A iniciativa do ImpulsoGov e co-idealizado pelo Instituto Cactus, que tem apoio do Programa do Juntos pela Saúde, desenvolve, implementa e aprimora um painel de dados e indicadores de saúde mental para a gestão de Secretarias Municipais de Saúde. A ferramenta, disponível para gestores de saúde mental do SUS de 10 municípios nas regiões Norte e Nordeste, contribui para a melhoria dos serviços de saúde mental prestados à população. Em uma avaliação de impacto conduzida pelo IDIS, foi identificado que a intervenção atingiu resultados positivos, tanto qualitativos quanto quantitativos.

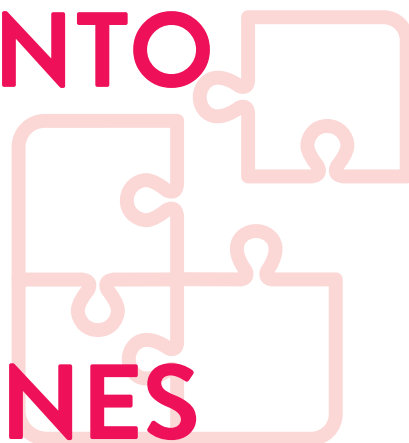
DICA AOS INVESTIDORES SOCIAIS

A promoção de saúde mental envolve não apenas o aspecto clínico, mas também os fatores culturais, sociais e sistêmicos. Considere o apoio a esta causa identificando a conexão com sua estratégia e levando em consideração condições estruturais que perpetuam a crise. E lembre-se: a mudança começa em casa. Como anda a saúde mental de suas equipes?

PERSPECTIVA

3

DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL IMPULSIONA IMPACTOS PERENES



A filantropia vai além do apoio a projetos, e contribui para que OSCs cumpram sua missão de forma eficaz e duradoura.

Toda organização, independentemente de sua natureza, para oferecer um serviço ou fabricar um produto, demanda uma estrutura mínima de gestão, que pode incluir processos administrativo-financeiros, recursos humanos ou estruturas de tecnologia. É possível generalizar e dizer que quanto maior a organização, mais necessárias e complexas são essas demandas, regra que vale tanto para empresas quanto para Organizações da Sociedade Civil (OSCs).

Apesar de ser lógico, foi apenas na década de 90 que ganhou força o conceito de Desenvolvimento Institucional no Terceiro Setor, difundido por organismos internacionais. Com isso, observou-se uma onda de ações de investimento social privado (ISP) voltadas para o *capacity building*, que consiste no desenvolvimento e melhoria de competências, recursos e processos que permitem às OSCs se adaptarem e prosperarem.

Embora o *capacity building* tenha um sentido amplo, abrangendo diversas frentes, no Brasil, ele tendeu a seguir a tradução literal do termo, se restringindo ao investimento em capacitações técnicas, o que frequentemente não é suficiente para superar as lacunas de Desenvolvimento Institucional de OSCs.

Mais de 30 anos depois, a preocupação com a sustentabilidade e o fortalecimento das or-

ganizações da sociedade civil reacendeu o debate sobre o desenvolvimento institucional, desafiando o setor filantrópico a buscar estratégias que respondam aos principais desafios internos das OSCs. Esse movimento levanta, por um lado, a questão da maturidade das organizações para reconhecer e externalizar suas fragilidades para financiadores e, por outro, a disponibilidade de recursos para um *capacity building* mais amplo.

É neste contexto que os movimentos pelo Desenvolvimento Institucional e o *trust-based philanthropy* se interseccionam, resultando em parcerias baseadas na confiança entre investidores sociais privados e OSCs, com o objetivo de potencializar a missão das organizações, apoiando-as de dentro para fora e criando estruturas mais sustentáveis para gerar impactos duradouros. Fundos patrimoniais também são instrumentos que permitem às OSCs investimento institucional perene.

O conceito de Desenvolvimento Institucional se expressa em diferentes frentes inter-relacionadas, que envolvem uma gama de ações. Para cada uma, apresentamos exemplos práticos.

1) ESTRATÉGIA

Planejamento estratégico, diagnósticos situacionais, mapa de stakeholders, desenvolvimento de programas e projetos alinhados à missão da organização, estruturação e implantação de ações de monitoramento e avaliação de impacto, engajamento da comunidade, entre outros.

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

Ford Foundation

Desde 2016, a organização destinou US\$1,5 bilhão ao programa BUILD, que oferece cinco anos de financiamento flexível e suporte operacional geral para organizações de justiça social, visando seu fortalecimento e desenvolvimento a longo prazo.

2) ADAPTABILIDADE E INOVAÇÃO

Conformidade com novas certificações e exigências regulatórias, desenvolvimento de novas metodologias e práticas, atualização que induz a participação em redes e colaborações, etc.

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

Mackenzie Scott

Com o compromisso de doar 50% de sua fortuna em vida, a filantropa americana Mackenzie Scott realizou, em 2024, uma nova leva de doações para as chamadas 'organizações de segundo andar', incluindo o IDIS. Este tipo de organização atua de maneira estruturante no setor, promovendo aspectos de adaptabilidade e inovação. A doação impulsiona ainda mais a capacidade dessas organizações de gerar impacto.

3) GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

Ações para atração, contratação e retenção de talentos, oferecimento de perspectiva de carreira e capacitação para o desenvolvimento de novas lideranças, etc.

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

Guia De Gestão De Pessoas

Para apoiar o fortalecimento das organizações da sociedade civil, o Instituto ACP e o IDIS desenvolveram o Guia de Gestão de Pessoas no Terceiro Setor, coleção com quatro módulos sobre o assunto: 'Formar uma Boa Equipe', 'Manter uma Boa Equipe' e 'Colocar a Casa em Ordem' e 'Cuidar do Clima'.

4) CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Plano de captação, mapeamento de fontes diversas de recursos públicos e privados; capacitação para elaboração de propostas, etc.

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

BTG Soma

Programa de aceleração do BTG Pactual, voltado para fortalecer a gestão de organizações sociais, ampliando seu impacto e sustentabilidade financeira. Com três edições anuais, apoia projetos nas áreas de Educação, Meio Ambiente e Empreendedorismo, oferecendo capacitação e mentorias para mais de 70 organizações.

5) GOVERNANÇA

Estruturação dos conselhos, engajamento de conselheiros com perfis diversos e complementares, transparência e prestação de contas, etc

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

Indicadores GIFE de governança

Baseado nas linhas gerais do Guia das melhores práticas de governança para institutos e fundações empresariais, desenvolvido pelo GIFE e pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), a autoavaliação é realizada por meio de um questionário online com indicadores numéricos. Esses indicadores refletem os diferentes níveis de governança em áreas como Conselho deliberativo, Controle e supervisão financeiros, Estratégia e gestão, Políticas institucionais, Transparência e relação com partes interessadas.

**DICA AOS INVESTIDORES SOCIAIS**

Em vez de se concentrar apenas em apoiar projetos, considere destinar seu apoio para fortalecer as competências internas das OSCs, criando uma base sólida para que possam prosperar e ter resultados mais perenes.

PERSPECTIVA



MATCH ESTRATÉGICO: OSCS INTEGRAM VOLUNTÁRIOS À GOVERNANÇA



A atuação voluntária expande suas fronteiras, com diferentes (e novas) contribuições para a estratégia organizacional.

O papel do voluntariado tem se expandido de forma significativa. Se antes era majoritariamente voltado a ações pontuais e assistencialistas, hoje as Organizações da Sociedade Civil (OSCs) oferecem novas formas de acolhê-los. Ao mesmo tempo, empresas que oferecem programas de voluntariado e indivíduos que buscam se envolver, consideram formas mais estratégicas e estruturadas de engajamento, visando impactos positivos e sustentáveis no longo prazo. A Pesquisa Voluntariado no Brasil 2021, realizada pelo IDIS e pelo Instituto Datafolha, já apontava um crescimento dessa tendência: a realização de serviços qualificados de modo voluntário, em uma década, passou de 3% para 10%.

A mudança no perfil do voluntariado pode ser representada por uma jornada que geralmente se inicia com o envolvimento em ações e campanhas episódicas e se desenvolve até uma atuação recorrente, especializada e mais voltada à alta gestão. À medida que os laços entre voluntários e organizações se fortalecem, lideranças e gestores sociais buscam aproveitar de maneira cada vez mais estratégica as *expertise* dos voluntários.

Dentro desse movimento, uma tendência crescente é o envolvimento de voluntários

nas estruturas de governança e gestão das OSCs. Ao integrar conselhos deliberativos, fiscais ou consultivos, comitês e diretorias, os voluntários contribuem com seus conhecimentos técnicos em áreas como finanças, planejamento estratégico, captação de recursos, relacionamento com *stakeholders* e desenho de programas e projetos. Esse voluntariado com tom mais profissional pode contribuir diretamente ao desenvolvimento institucional (*abordado com mais detalhes na perspectiva 3 deste material*) como um dos caminhos para impactos duradouros no longo prazo.

A governança é fundamental para garantir a longevidade de uma instituição. Uma governança eficiente promove a transparência, prestação de contas e tomada de decisões alinhadas à missão organizacional. Ao alavancar e integrar três elementos fundamentais – reputação, valor social e acesso a recursos –, as instâncias de governança promovem a sustentabilidade e a continuidade das organizações e suas iniciativas.

As empresas podem incentivar seus colaboradores a ocupar posições em conselhos de OSCs apoiadas, assumindo papéis mais ativos no desenvolvimento dessas instituições, o que traz benefícios mútuos. Para o funcionário, há o desenvolvimento de com-

petências de liderança, gestão de riscos e visão estratégica. Para as organizações, o resultado é o acesso a conhecimentos especializados e a novas oportunidades de parcerias. Além disso, o envolvimento de novos agentes na governança de OSCs traz inovação e diversidade de perspectivas, elementos essenciais para lidar com um ambiente social em constante mudança. A integração de colaboradores no desenvolvimento de comunidades, com ações alinhadas aos objetivos do negócio e às necessidades reais da sociedade, representa um novo patamar para o voluntariado.

Fortalecer e democratizar a participação em estruturas de governança já é uma necessidade para organizações que buscam gerar transformação social de forma contínua. Esse caminho não só amplia o potencial de impacto das instituições, mas também permite que indivíduos e empresas deixem um legado efetivo em prol de causas e territórios.

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

FUNDAÇÃO FEAC – PROJETO DIRIGENTES VOLUNTÁRIOS

Em uma iniciativa inédita, desenvolvida por meio de uma parceria entre a Fundação FEAC e o IDIS, mais de 90 pessoas foram capacitadas para atuar como dirigentes voluntárias em organizações da sociedade civil de Campinas. O projeto contou com um processo de *matchmaking* técnico e a realização de uma Feira de Governança presencial, que possibilitou que 12 das 20 OSCs participantes da iniciativa recrutassem voluntários para quase 40 posições em suas governanças e projetos ligados à alta gestão.

- Uma das organizações participantes foi a Mudando Minha História. Com 2 anos de operação, atua preparando e mentorando jovens de baixa renda para o ensino médio técnico. Os membros fundadores da organização recrutaram 3 pessoas para Comitês e Conselhos Consultivos, de modo a alavancar a estrutura de governança e planejar suas próprias sucessões.

INSTITUTO JATOBÁS

A organização de origem familiar abriu sua governança para membros independentes do ter-

ceiro setor, atraindo quatro novos integrantes para seu Conselho. Esse movimento, realizado em 2024, trouxe diversidade de perspectivas e reforçou o compromisso com a transparência, além de reforçar a missão da organização de “reduzir a desigualdade social por meio do acesso à cultura e da inclusão produtiva” nos territórios do Campo Belo, na cidade de São Paulo, e na região de Pardinho, no interior do Estado de São Paulo.

MASP: VIRADA DE CHAVE PELA GOVERNANÇA

Em meio à maior crise financeira desde sua fundação, a partir de 2013, o MASP fez da reformulação de sua governança a chave para uma virada histórica. A organização fortaleceu seu Conselho Deliberativo, atraindo 80 empresários, executivos, advogados e doadores, engajando-os diretamente na tomada de decisões estratégicas. Nos últimos anos, o Museu tem colhido o fruto dessa aposta, com superávits recorrentes, a criação de um fundo patrimonial que já acumula mais de R\$ 20 milhões e, em 2025, a inauguração de um novo edifício para exposições e conservação.

DICA AOS INVESTIDORES SOCIAIS

Considere abrir essa conversa sobre o envolvimento de voluntários nas estruturas de governança das organizações apoiadas por você. Pode ser um novo horizonte para elas e, talvez, encontrem formas de envolver pessoas de sua rede com conhecimentos técnicos que podem ser doados em prol de uma causa. Isso pode ser feito ao abrir sua rede de contatos, indicando pessoas com perfis específicos ou até mesmo integrando algum órgão deliberativo ou consultivo, quando fizer sentido para a organização.

PERSPECTIVA

5

FILANTROPIA COMO TRINCHEIRA DE RESISTÊNCIA PARA A DIVERSIDADE & INCLUSÃO



O papel do investimento social privado em um cenário em que pauta dá sinais de arrefecimento no mundo corporativo.

“É urgente que a filantropia trate a diversidade com mais afinco e convicção, e com menos hesitação, criando espaços cada vez mais respeitosos, justos e acolhedores. (...) Dar espaço e voz a grupos sub-representados é caminho para um conjunto de ações mais amplo e impacto positivo sistêmico e sustentável.”

Viviane Elias Moreira, membro do Conselho Fiscal do IDIS em matéria para a Exame

No Brasil, não é possível almejar a redução das desigualdades socioambientais e um ambiente democrático saudável sem considerar a equidade entre as pessoas. Na última década, presenciamos um avanço considerável na agenda de diversidade e inclusão (D&I), mas que agora é ameaçada de perder tração globalmente. O ano de 2024 foi marcado por grandes empresas anunciando cortes drásticos de investimento em programas relacionados ao tema. O contexto político e institucional dos Estados Unidos parece ter influenciado essa tendência, sinalizando que a janela de oportunidade aberta pela pandemia e movimentos como *Black Lives Matter* - que trouxeram à tona os desafios estruturais enfrentados por grupos minoritários ou sub-representados - está se fechando.

No Brasil, 45,3% das empresas ainda não possuem nenhuma ação afirmativa. O maior

progresso tem ocorrido no que diz respeito às mulheres, com 51,6% das empresas adotando ações afirmativas voltadas a esse grupo. Já as ações voltadas para pessoas negras estão presentes em 21,1% das empresas, segundo a pesquisa Perfil Social, Racial e de Gênero das 1100 maiores empresas do Brasil, promovida pelo Instituto Ethos.

Na contramão, iniciativas importantes trabalham para garantir a continuidade do engajamento das empresas na pauta. O **Pacto de Promoção da Equidade Racial** coloca a questão racial no centro do debate econômico, a partir do Índice ESG de Equidade Racial (IEER) e da atração de grandes empresas nacionais e multinacionais para o tema. Os primeiros resultados mostram que 57,69% das 28 empresas que calcularam o índice apresentaram melhorias ao adotar ações afirmativas contra o racismo e promover a inclusão de colaboradores ne-

gros em posições de liderança. Este é um exemplo de boas práticas de D&I que devem ser estendidas a outros marcadores de diversidade e a mais organizações.

Além das ações internas, o investimento social privado de empresas voltado para a causa também ajuda a concretizar o compromisso com a mudança estrutural necessária. Ao mesmo tempo em que tangibiliza o engajamento de empresas realmente comprometidas com a diversidade e inclusão, esse investimento fortalece redes, lideranças e organizações da sociedade civil engajadas no tema e/ou dirigidas por pessoas diversas, apoiando o avanço de iniciativas inovadoras. Um exemplo disso é o Instituto Rodrigo Mendes, que oferece o Selo de Educação Inclusiva para empresas que apoiam a organização, tornando pública a ação de empresas que promovem a educação inclusiva para pessoas com deficiência.

Empresas conectadas à agenda de inclusão desenvolvem equipes diversas e inovadoras, e são capazes de estabelecer diálogos genuínos com mais partes interessadas (*stakeholders*). Para que a filantropia ocupe de fato um local de resistência e suporte à agenda de D&I, é fundamental que essas temáticas não sejam tratadas somente como parte de um portfólio de projetos realizados e/ou apoiados, mas passem a compor um olhar transversal sobre práticas e políticas da empresa como um todo.

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

MANIFESTO ‘UM COMPROMISSO INABALÁVEL COM O FUTURO’

Frente às medidas anti-ESG anunciadas pelo presidente Donald Trump nos Estados Unidos, um grupo de sete organizações e movimentos sociais, representantes de 500 companhias associadas de diversos segmentos da economia, entre nacionais e multinacionais, lançaram o manifesto “Um compromisso inabalável com o futuro”, no qual defendem a pauta e reafirmam seus compromissos com a Diversidade e Inclusão no meio corporativo. Esse é uma importante demonstração de como as parcerias entre setor privado e terceiro setor são poderosas e uma via de mão dupla de benefícios e fortalecimento.

INSTITUTO ALPARGATAS

Braço filantrópico da Alpargatas, o Instituto Alpargatas, por meio do Programa Educação pela Cultura, apoia a inclusão das temáticas de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena do Brasil na grade curricular das escolas de educação básica de ensino fundamental, alinhando seus investimentos à execução de uma política pública (Lei 10.639/03).

PROGRAMAS DE DIVERSIDADE E INCLUSÃO DO ITAÚ

O maior banco privado do Brasil investe em diversidade da porta para dentro e para fora. Internamente, o Itaú estabeleceu metas de diversidade para 2025: ter de 35-40% de mulheres na liderança e atingir 27-30% de representatividade negra na organização. Da porta para fora, o Itaú investe em ações que valorizam a cultura negra e promovem a diversidade, com destinação de 12,4 milhões em 2023.

ID_BR

O Instituto Identidades do Brasil promove a igualdade racial por meio de iniciativas como o Selo Sim à Igualdade Racial, que orienta empresas na inclusão de profissionais negros e indígenas, e o Prêmio Sim à Igualdade Racial, a maior premiação mundial focada no tema, que reconhece pessoas e organizações engajadas. Além disso, o ID_BR realiza treinamentos e cursos para empresas e formação de professores e gestores públicos antirracistas. Recentemente o Instituto trouxe uma grande inovação, a Deb, Inteligência Artificial do ID_BR, a primeira do mundo dedicada a questões étnico-raciais e de D&I.

DICA AOS INVESTIDORES SOCIAIS

É preciso manter os avanços graduais na pauta de D&I. A continuidade no investimento é que garante as transformações que desejamos atingir. Em um momento em que a pauta é colocada em dúvida, é preciso reafirmar o compromisso e dar visibilidade às ações realizadas.

PERSPECTIVA



INVESTIMENTO SOCIAL PRIVADO É PARA TODOS, INCLUSIVE PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS!



O ISP não é exclusivo das grandes corporações e é hora de dar mais visibilidade à atuação filantrópica de empresas de variados portes.

No Brasil, as Micro, Pequenas e Médias Empresas (MPMEs) desempenham um papel central na geração de empregos e no fortalecimento da economia. Segundo o Sebrae, essas empresas são responsáveis por mais de 55% dos empregos formais no setor privado e respondem por cerca de 30% do Produto Interno Bruto (PIB). Quando se consideram apenas as micro e pequenas empresas, elas representam aproximadamente 90% de todos os negócios em funcionamento no país. Esses números evidenciam a importância desse segmento tanto para a produção econômica quanto para a geração de impacto socioambiental no Brasil.

No entanto, quando se trata de investimento social privado (ISP), o cenário é significativamente diferente para as MPMEs. Embora já existam sinais de envolvimento dessas empresas com o ISP, ainda faltam movimentos agregadores e mapeamentos direcionados ao comportamento da filantropia dessa categoria. A escassez de dados sobre o ISP realizado por pequenas e médias empresas impede o desenvolvimento mais célere dessa atuação.

Exemplos inspiradores, entretanto, demonstram a oportunidade de ampliar a discussão sobre o tema entre o grupo. Iniciativas que reconhecem boas práticas de sustentabilidade e ISP, como o Compromisso 1%, estão ganhando adesão crescente entre as MPMEs no Brasil. A Pantys, empresa de médio porte do setor têxtil e saúde feminina, já destina mais de 1% de seu lucro líquido para iniciativas e organizações da sociedade civil. A Agência Métrica, empresa de pequeno porte do setor de comunicação, assumiu o compromisso de passar a doar 1% de seu lucro líquido para iniciativas socioambientais em até dois anos. Além disso, nos últimos anos, bons impulsos têm sido dados às boas práticas de ISP por meio da agenda ESG (ambiental, social e governança). O avanço da regulamentação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que permite a abertura de capital por PMEs, junto com a Resolução CVM nº 193, que exige a publicação de relatórios de sustentabilidade a partir de 2026, oferece incentivos para que empresas de todos os portes adotem práticas de transparência e gestão de riscos relacionados à sustentabilidade. Essa medi-

da, já implementada pelas maiores companhias do país, reflete a tendência global de alinhamento com os princípios ESG, como exemplificado pelo Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3, que inclui, nos seus eixos de avaliação, boas práticas de investimento social privado. Essas práticas, por sua vez, estão entre os elementos mais determinantes para um bom desempenho na agenda de sustentabilidade.

No cenário internacional, a Diretiva sobre Relatórios de Sustentabilidade Corporativa (*Corporate Sustainability Reporting Directive – CSRD*), adotada pela União Europeia, representa um marco regulatório para a transparência e padronização das práticas ESG e impulsiona grandes empresas a exigirem informações ESG de seus fornecedores, incluindo MPMEs, criando um efeito cascata de conformidade. As empresas brasileiras com relações comerciais na Europa são diretamente afetadas, o que reforça o papel das MPMEs na construção de cadeias de valor sustentáveis. Programas de engajamento de fornecedores, liderados por grandes corporações, têm demonstrado como pequenas empresas podem contribuir para boas práticas de ISP.

Já existe um caminho viável para que empresas menores se integrem à agenda de impacto social, promovendo transformações significativas em suas comunidades e na sociedade em geral.

ONDE SE ENXERGA ESSA PERSPECTIVA

BRAÚNA

A empresa familiar de fruticultura atua no norte de Minas Gerais. O fundador tem o sonho investir até 25% dos lucros de seus negócios em benefício de iniciativas na cidade de Jaíba e adjacências. O IDIS apoiou a empresa com o objetivo de alinhar a visão de impacto da família e da empresa, além de construir uma estratégia de investimento social privado de longo prazo para os territórios de interesse.

EDITORA VOO

Há mais de uma década, a Editora Voo foi fundada por três amigas que compartilham o amor pela leitura. Iniciaram um compromisso de doar um livro infantil a cada livro vendido, visando inspirar o hábito de leitura entre jovens. Com o tempo, as sócias questionaram o

impacto de seu investimento social e estabeleceram parcerias com organizações sociais. Criaram o projeto 'Voo para um futuro melhor' em 2018, apoiando sessões de leitura para adolescentes em medidas socioeducativas, reformando espaços e criando bibliotecas.

MOSAIC E INSTITUTO ETHOS: CAPACITAÇÃO DE FORNECEDORES

O programa de capacitação para fornecedores da Mosaic, em parceria com o Instituto Ethos, exemplifica como grandes empresas podem atuar como catalisadoras para a disseminação de boas práticas de sustentabilidade entre pequenos fornecedores. A iniciativa promoveu um aumento na compreensão sobre ESG e fortaleceu a capacidade de planejamento e implementação de soluções mais sustentáveis ao longo de sua cadeia de valor.

DICA AOS INVESTIDORES SOCIAIS

Desmistificar e mapear o impacto social de pequenas e médias empresas é essencial para ampliar e fortalecer ações de impacto. Falar sobre as ações da sua organização é importante, pois além de demonstrar resultados, influencia outros e gera colaboração. A troca de experiências fortalece a rede e acelera a implementação de soluções eficazes, criando um ambiente de apoio mútuo entre as organizações.

Esse é um produto de conhecimento produzido pelo time de consultoria do IDIS!

A geração e disseminação de conhecimento é um dos pilares para o atingimento de nossa missão como organização. Por meio de publicações, notas técnicas, artigos, capacitações e eventos, inspiramos, apoiamos e ampliamos o investimento social privado e seu impacto.

Assine nossa newsletter com o QRcode ao lado e conheça mais de nossa produção.

